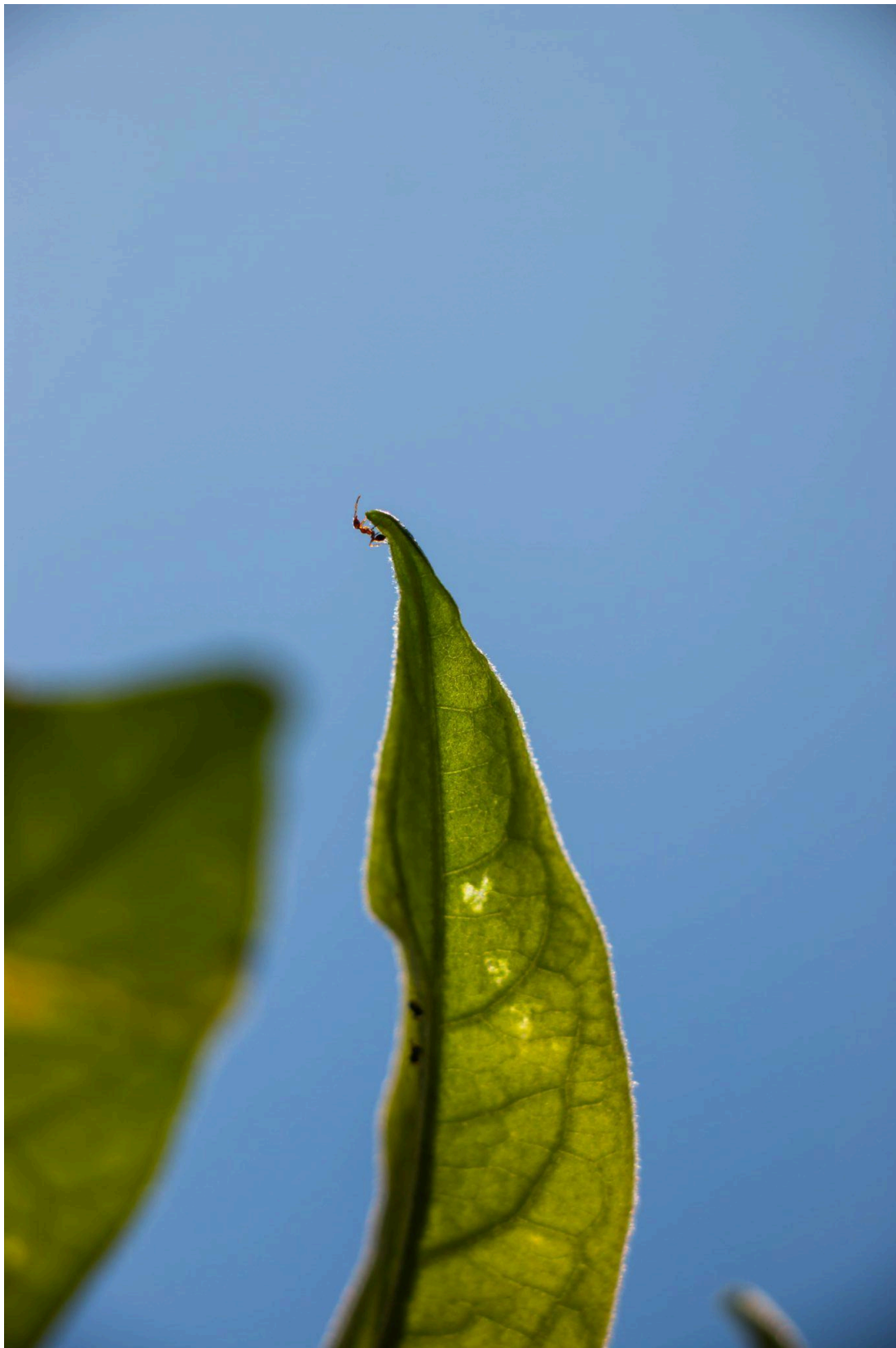


Um sítio em imagens: um convite para uma educação ambiental menor



Mariana Guimarães



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
CURSO DE LICENCIATURA (NOTURNO)

MARIANA GUIMARÃES

**UM SÍTIO EM IMAGENS: UM CONVITE PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL MENOR**

FLORIANÓPOLIS

2024

Mariana Guimarães

Um sítio em imagens: um convite para uma educação ambiental menor

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Biológicas - Licenciatura do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães

Florianópolis

2024

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.  
Dados inseridos pelo próprio autor.

Guimarães, Mariana

Um sítio em imagens: um convite para uma educação ambiental menor / Mariana Guimarães ; orientador, Leandro Belinaso Guimarães, 2024.

61 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Biológicas, Graduação em Ciências Biológicas, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Ciências Biológicas. 2. fotografia; cartografia; educação ambiental; educação menor. . I. Belinaso Guimarães, Leandro . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Biológicas. III. Título.



Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Licenciada em Ciência Biológicas e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Biológicas.

Florianópolis, 19 de julho de 2024.

---

Professora: Daniela Cristina de Toni, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>.  
Coordenadora do Curso de Ciências Biológicas

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Orientador

---

Prof. Dr. Marcelo Gules Borges  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Me. Victor Anselmo Costa  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Victor Xavier de Figueiredo  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Suplente

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente quero agradecer aos meus pais, Custódia P. A. Guimarães e Mário M. de Guimarães (in memoriam) por terem me apoiado em tudo e por ter me ensinado a amar a natureza. A minha mãe por priorizar a educação para nós e meu pai por amar o sítio e por sempre toparem em resgatar os cachorros que eram abandonados lá na praia.

À minha irmã Letícia e ao meu irmão Darlan que sempre cuidaram de mim cada um com seu jeito particular.

Agradeço à Rosângela e ao meu padrinho Gomes, por todo ensinamento, apoio e suporte em toda minha jornada.

Ao meu amigo mais que especial Adolfo, que em todos os momentos que precisei de ajuda sempre me acolheu e torceu para este momento. Talvez, se não fosse por um conselho seu, eu não estaria concluindo esta graduação.

As minhas amigas por todo suporte, apoio e torcida, Renata e Amanda. E à Lilian por me incentivar a crescer na fotografia.

Ao meu orientador e professor Leandro Belinaso Guimarães, por mudar minha visão sobre a licenciatura com toda sua sensibilidade e genialidade. E por toda orientação neste trabalho, obrigada.

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso discute como a fotografia pode ser uma aliada de práticas pedagógicas em educação ambiental interessadas em ampliar nossa atenção ao sensível do mundo. Através de uma pesquisa cartográfica, o TCC inicia traçando o caminho formativo percorrido pela pesquisadora desde a adolescência. A narrativa mostra a descoberta da fotografia como uma aliada na busca da percepção do menor. A pesquisa aciona memórias afetivas, sobretudo, relativas a um lugar específico, um sítio localizado em uma cidade próxima a uma lagoa e ao mar. Como evidenciar, através da fotografia, essas vidas mínimas que habitam este lugar? O resultado é um caderno imagético, que evidencia o mundo vivo que habita o sítio afetivo da pesquisadora. Por fim, o TCC defende que uma educação menor, em aliança com a fotografia, com a arte, pode nos convidar a outras atenções e percepções sensíveis do mundo vivo e do ambiente.

**Palavras-chave:** fotografia; cartografia; educação ambiental; educação menor.

## **ABSTRACT**

This Course Conclusion Paper discusses how photography can be an ally of pedagogical practices in environmental education interested in expanding our attention to the sensitive aspects of the world. Through cartographic research, the TCC begins by tracing the formative path taken by the researcher since adolescence. The narrative shows the discovery of photography as an ally in the search for the perception of minors. The research triggers affective memories, above all, relating to a specific place, a site located in a city close to a lagoon and the sea. How can we highlight, through photography, these minimal lives that inhabit this place? The result is an imagistic notebook, which highlights the living world that inhabits the researcher's affective place. Finally, the TCC argues that a minor education, in alliance with photography, with art, can invite us to other attentions and sensitive perceptions of the living world and the environment.

Keywords: photography; cartography; environmental education; minor education.

## SUMÁRIO

UM COMEÇO.....	10
CONDUÇÃO, DESCOBRIMENTO E BUSCA.....	20
UM SÍTIO EM IMAGENS.....	24
UM CONVITE PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL MENOR.....	58
REFERÊNCIAS.....	61

## UM COMEÇO

Se me perguntar qual época do ano eu prefiro, com toda certeza a resposta será em alto e bom som: verão! Nada melhor que estar de chinelo, camiseta e short. Sentir aquela leve brisa passando devagar sobre a pele enquanto você observa, na beira do mar, as ondas quebrando. No final da tarde, no céu, vai se formando um degradê de cores. Perto do mar, rosa, subindo um pouco, um azul claro, quase branco, e esse azul percorre em um degradê crescente ao azul escuro.

Por muito tempo a resposta foi essa: verão. Mas nos últimos dias parei para refletir um pouco com a chegada do frio. Na verdade, o que me incomoda do inverno é sentir frio, meio óbvio, eu sei, quem gosta de sentir frio? Deixa eu explicar melhor. Verão, praia, calor, estar com pessoas, sair no final da tarde. É perfeito! Ao mesmo tempo, é rápido e intenso demais. Trânsito, trabalho e muitas pessoas. Sempre com a chegada do frio eu ficava triste.

Ao sair de casa para trabalhar, antes do nascer do sol, olhei para o horizonte e lá estava aquele degradê de cores. O céu sem uma nuvem sequer o dia todo. No final da tarde, um pôr do sol daqueles que você para, em qualquer lugar, e tira o celular para capturar o momento. Naqueles segundos, minutos, ali parada, parece que tudo congela ao seu redor. É só você e o céu. Foi exatamente nesse pôr do sol, em meio a algumas pessoas ao meu redor, pensei: como eu amo isso.

O frio, você de moletom, e o céu em uma paleta de cores sem igual, me remeteu aos dias em que fiquei morando com meu pai até começar a faculdade. Eu ia todo final de tarde de sol, com minha câmera, para o trapiche na Lagoa da Barra de Ibiraquera contemplar o pôr do sol.

Apesar de morar em Floripa, minha infância foi nessa praia, todos os meus verões e meus finais de semana por mais de 20 anos. Meu pai, há mais de 40 anos, comprou um terreno, construiu uma casa de madeira, que foi local de muitas reuniões de família e amigos por muitos anos. Tenho apenas uma memória desta casa: a fachada. Eu era muito pequena nessa época. Com o passar dos anos, ele montou um mercadinho, com o tempo o ampliou em outro terreno, na rua geral que leva à praia. Meu pai ficava cuidando do mercado na praia e na sexta feira ia buscar meus dois irmãos, minha mãe e eu para passarmos o final de semana. No domingo, nos levava de volta, pois segunda de manhã tínhamos aula.

Sempre que chegava na praia eu saía, ia para a casa da minha amiga, Ana Júlia, e voltava só no horário combinado com minha mãe para que eu estivesse em casa. Quando minha amiga não estava em casa, eu ia atrás dos meus irmãos. Inúmeras foram as vezes que eu cheguei na casa da minha amiga para chamá-la para brincar, ir à praia ou ir ao

trapiche para contemplar o pôr do sol, porém algumas vezes ela ia, em outras, não. Nas vezes em que ela não podia, minha mãe ia comigo, mas às vezes ela tinha outros compromissos. Eu ficava triste, porque eu realmente queria sair, ir ao trapiche assistir ao pôr do sol, ou dar uma volta na praia, mas sem elas eu não ia. Faltava coragem para ir sozinha e ver que às vezes é melhor ir só, ou melhor, com meus pensamentos e a câmera.

Foi em um dia em que nem minha amiga, nem minha mãe podiam ir, que minha mãe me deu o melhor conselho. Ela virou para mim e disse: vai tu! Pega tua cachorra e vai. Se você for depender de alguém para fazer alguma coisa, você nunca vai fazer. Só vai. Eu fui.

Quando eu avistava o sol, um pouco acima da linha do horizonte, calculava que em 10 minutos estaria no trapiche da lagoa e não perderia nenhum momento do início do pôr do sol. Colocava um casaco, a câmera em meu pescoço, a guia na Meg - uma dachshund, uma salsichinha, que me acompanhava a todas as viagens de Floripa a Imbituba, estava comigo em todos os momentos - e ia. Não era somente eu e a Meg. Ao descer as escadas, lá embaixo já estava a Mel e o Rex, dois vira latas que foram abandonados e que adotamos. Um tempo depois veio a Magali e a Luna, que também foram abandonadas na praia e nós adotamos também.

A Mel, o Rex e a Magali, você podia fazer o que fosse, mas eles iriam dar um jeito de ir atrás de mim ou de meu pai quando saíamos de bicicleta. A Luna, por ela também precisar de guia, era complicado levar junto. Ela não podia ver a água que se jogava. O problema não é ficar molhada, mas pegar ela de volta. Ela parece um jacaré na água, nadando somente com a cabeça de fora; e se deixar fica horas e horas. Mas assim íamos, ficavam comigo, me sentia protegida, corriam pelas águas, iam atrás dos pássaros, dava para sentir a liberdade, a felicidade. Meus companheiros.

Nos dias que estava nublado, meu foco era outro. Os pássaros. Todo final de tarde meu pai alimentava os pássaros. Era uma atração. Ocupavam os fios dos postes aguardando o momento em que ele jogava a ração, uma vez comprou um saco de 10kg. Não havia uma pessoa que estivesse passeando pela rua, que não parasse para admirar. A cada pessoa se aproximando, se assustavam, voavam, e voltavam. Sempre tentava fazer com que eles viessem mais perto, colocando a comida perto da porta.

Às vezes era complicado fotografar, os pássaros a qualquer movimento brusco se assustam. Tentava me mexer o mínimo possível, mas havia os clientes que entravam no mercado, os carros e bicicletas que passavam na rua. Havia outro dificultador, minhas cachorras. Elas não iam atrás dos pássaros, mas ficavam latindo ou “choringando” pela sacada me observando. Elas queriam estar ali comigo, pensavam que eu ia ir à praia sem elas. Mas no final dava tudo certo.

No verão, foram poucas as vezes que saía para fotografar. Não gosto de ter pessoas me observando enquanto fotografo. Gosto do silêncio e de ficar livre para observar ao meu

redor as situações que acontecem. Por isso, esse trapiche da Lagoa era perfeito. Era apenas eu e meus companheiros, vez ou outra um pescador passava com sua canoa. Sempre me questioneei o porquê de nenhum morador ir contemplar o pôr do sol. Era meio inaceitável, ter uma paisagem como essa a menos 5 minutos de casa e a pessoa não sair para observar.

Nos finais de semana que ia para Imbituba, eu também ajudava no mercado e assim que fui crescendo, meu pai me colocou para trabalhar no caixa. Sempre dava um jeito de sair, nunca gostei de ficar parada sem fazer nada, então, quando o movimento estava baixo, colocava alguém em meu lugar para ficar andando pelas ruas. Por mais que meu pai brigava, era mais maleável, já meu irmão, não. Ele assumiu o mercado por dois anos, quando meu pai estava tentando se aposentar. Largar o osso, como dizia minha mãe.

Eu gostava de trabalhar no período da noite, pois de manhã comumente não tinha vento e era melhor de ir à praia. Então significava que todo final de tarde eu estava trabalhando e sempre havia um pôr do sol rolando lá fora. Em uma tarde eu vi o céu totalmente laranja, eu olhei, sem que meu irmão visse, e falei para minha mãe: eu vou lá no trapiche. Subi as escadas correndo, peguei a câmera, desci, montei na bicicleta e fui o mais rápido que pude. Cheguei. Foi um dos pores do sol mais lindos que eu já vi. Não me arrependo em nenhum momento de ter ido, nem das broncas que levei depois.

Apesar de ter esse refúgio, o trapiche, para ser apenas eu e a câmera, existiu, e existe outro. O sítio. Para mim, falar sobre ele é um pouco complicado. Meu olho transborda. Nunca fui boa de lidar com emoções e sentimentos, sempre os guardei, mas têm coisas que não conseguem ser guardadas. O sítio é uma delas.

Meu pai comprou o sítio quando eu era bem pequena, fica a menos de 10 minutos da praia. Era a paixão dele. Ele teve sua criação na roça, então sempre gostou de gado. O sonho dele era ter um sítio e ter seu gado. No sítio, havia apenas um cocho para as vacas e uma casinha de madeira caindo aos pedaços. Logo no início meu tio veio morar nessa casinha e ela foi sendo reformada aos poucos. Ele cuidava do sítio e dos animais; afinal, no verão era muito corrido para meu pai.

Enquanto meu pai construía a nossa casa, sempre quando íamos passar a tarde ou o domingo, ficávamos no meu tio, uma casinha de madeira com um fogão a lenha que meu tio construiu. Minha mãe costumava fazer comida no fogão a gás e quem usava o fogão a lenha era meu tio. Ele sempre gostou de ter passarinhos em gaiola cantando. Eu já era contra eles estarem em gaiolas.

Quando somos jovens, acabamos não percebendo muitas coisas que são feitas por nós. Tem aquela frase famosa de mãe: quando tu crescer, tu vai dar valor. E isso é mais do que um fato. Não é uma regra, há quem perceba antes. Minha infância e adolescência



foram resumidas a amigos, praia e a jogar futebol nessa praia que é minha segunda casa, Barra de Ibraquera.

Lembro como se fosse hoje de ter visto uma foto, em um site famoso da época, de um objeto em foco no primeiro plano com o segundo plano em desfoque. Apesar de sempre gostar de fotografar, foi a partir daquele momento que comecei a me interessar mais pela fotografia. Na mesma época, meu irmão, por coincidência, começou a gostar do mundo da fotografia também, ele tinha uma câmera, e eu não podia tocar sem a permissão dele.

Em uma troca de favores, ficou acordado que em vez de me pagar, ele me daria uma câmera profissional. Foi então que começou uma relação mais estreita com a fotografia. Antes eu tinha uma câmera digital Kodak, que minha mãe havia me presenteado. Fotografava absolutamente tudo com ela.

Embora muitos gostem de fotografar “gente”, eu nunca fui essa pessoa. Sempre gostei do não posado para as lentes, fazendo com que eu pudesse perceber mais ao nosso redor as cenas, como menciona Filippa Jorge (2018) no livro “*encontros nos espaços da arte*”: “a captura de imagens cotidianas pode expandir a sensibilidade na procura de enquadramento em diferentes tempos e espaços”.

O que sempre me chamou atenção foi a natureza e sua infinita beleza nos seus detalhes, e foi ela meu principal foco por muito tempo. Publicava fotos em uma rede social, o Instagram. Em quase todas as publicações havia um comentário de uma amiga, Lilian, me incentivando a procurar um curso de fotografia e investir na área. Foi em um desses comentários que falei com a minha mãe que eu queria fazer um curso, pois desejava aprender a fotografar “gente” também. Ela me apoiou e eu o fiz.

Já me perguntaram o que eu gosto na fotografia, o que me inspira, o porquê fotografo, o que vejo ali para fotografar. O que me encanta é a sutileza da luz difusa do entardecer, a variação de cores que é criada em poucos instantes. É notar a beleza de algo pequeno. Eu não consigo explicar. Só sei dizer: a luz. E isso basta. Para mim, essa resposta é mais que válida. Torna-se clichê dizer que a luz é o que você mais gosta na fotografia, pois fotografia é uma palavra do grego: *fós* - luz e *grafis* - instrumento para escrever, gravar, desenhar, pintar ou *grafé* - escrita. Quando você está descobrindo o obturador da sua câmera, você percebe que pode literalmente escrever com a luz. Às vezes você pode ter a fonte de luz em uma lanterna, um bombril, ou apenas a natureza fazendo seu próprio desenho no céu em uma noite de tempestade

A fotografia é “capaz de traduzir relações culturais e até mesmo construí-las, ao mostrar sentimentos e expressões que dispensam, algumas vezes, palavras” Guimarães e Santos, 2009, p. 99. Acho que herdei isso dos meus pais. Como eu sempre gostei de estar em meio à natureza, tudo que era bicho ou paisagem meus pais me chamavam para ver ou fotografar. Tudo. Ainda consigo escutar: chama a Mariana para ver! Podia ser uma aranha,

uma borboleta, uma teia de aranha, um sapo na piscina, uma flor, uma gota sob uma folha, um ninho de um pássaro, um pássaro, a luz, as nuvens, um céu estrelado, um arco íris.

Revedo algumas fotos, encontrei uma pasta com imagens de quando minha mãe, meu pai e eu fomos passear por Floripa. Levei minha câmera inseparável. Estávamos no Forte da Fortaleza de São José da Ponta Grossa em Florianópolis, eles parados na janela observando o mar, registrei.

Olhando essa foto, consigo ter a certeza e entender mais a fundo o que eu gosto da fotografia. A simplicidade do meu pai em meio a um turbilhão de acontecimentos, o amor pela natureza, a generosidade sem fim da minha mãe para com os outros, o amor pelo simples, o acolhimento. Talvez eu não consiga explicar muito bem, mas Roland Barthes (2015) consegue pôr esse sentimento em palavras: “Para mim, as fotografias de paisagem (urbanas ou campestres) devem ser habitáveis, e não visitáveis” (p. 38). Ao ver uma fotografia, eu consigo habitar ela. É uma construção, como menciona Guimarães (2006):

(...) os modos como enxergamos e nos relacionamos com a natureza [e o ambiente] são frutos do momento histórico em que vivemos. Muitas vezes, não percebemos que os nossos atos, as maneiras de narrar acontecimentos, os modos de vermos a nós mesmos e aos outros, tudo isso, são negociações que vamos estabelecendo diariamente com os significados que nos interpelam através da cultura.

(Guimarães, 2006, p. 7)

Muitas vezes uma foto não precisa de cor. Duas coisas bastam: o preto e o branco, a luz e a sombra. Conheci o trabalho do Sebastião Salgado através do meu padrinho ou do padrinho do meu irmão, não lembro ao certo quem mencionou. Sei que os dois sempre foram muito ligados à fotografia, ainda quando só havia câmeras analógicas. Lembro deles comentando sobre o micro e o macro, o foco, também o analógico. Era inspirador como falavam da fotografia.

Ao buscar as obras de Sebastião Salgado, Gênesis me fascinou:

Este é o poder de Gênesis, este novo livro de Sebastião Salgado. Ele tem o poder de abrir os nossos olhos, de mudar a maneira como vemos o mundo. É o primeiro passo para mudarmos o nosso comportamento. As fotografias de Sebastião Salgado captam a majestade e o mistério da vida. Elas expressam também a complexidade dos desafios que enfrentamos trabalhando na sua imagem de marca a preto e branco.

(Bokova, Gênesis. p. 13)

Em seu livro *Gênesis*, Sebastião Salgado conta que, em meados da década de 1990, seu pai pediu para que Sebastião e sua mulher, Lélia, tomassem conta de uma propriedade no Vale do Rio Doce, em Minas Gerais, local em que cresceu com mais sete irmãs. A terra sofreu o desmatamento e a erosão, tornando-se seca. Sua esposa, Lélia, teve a ideia de recriar uma floresta com as mesmas espécies locais que ali estavam antes de sofrerem o desmatamento. Um pequeno ecossistema renasceu, com mais de 300 espécies diferentes de árvores, trazendo de volta a fauna. Com o regenerar da natureza, consequentemente surgiram algumas reflexões sobre o futuro do planeta:

Compreendemos o absurdo da ideia de que a natureza e a humanidade podem de algum modo ser separadas. Também reconhecemos que a ruptura dos laços com a natureza traz uma genuína ameaça para a humanidade. A rápida urbanização dos últimos 100 anos nos fez perder o contato com a vida selvagem, os animais e as plantas, a essência da vida na terra. Podemos saber dominar a natureza, mas esquecemos facilmente que dependemos dela para a nossa própria sobrevivência.

(Salgado, 2013. p. 6)

Em seu projeto, sua ideia inicial era mostrar o descaso de parte da humanidade perante a natureza, poluição, desmatamento e mudanças climáticas. Mas ao voltarem àquela propriedade que agora é um parque nacional, testemunham o espetáculo de centenas de milhares de novas árvores e novas vidas que se reacenderam. Suas esperanças reviveram, mudando o rumo do seu projeto para explorar a beleza do nosso planeta. Seu foco consistiu em: "...encontrar paisagens terrestres e marinhas, animais e comunidades antigas que tinham escapado do braço comprido - e frequentemente destrutivo - do ser humano moderno" Salgado (2013. p. 6).

Eu queria examinar como a humanidade e a natureza têm coexistido ao longo dos tempos naquilo que agora chamamos de equilíbrio ecológico." "No *Gênesis*, persegui um sonho romântico de encontrar e partilhar - um mundo primitivo mais invisível e inalcançável do que deveria ser. Meu objetivo não era ir aonde o homem nunca fora antes, embora a natureza selvagem seja geralmente encontrada em lugares bem inacessíveis. Eu apenas queria mostrar a natureza no seu auge, independente do lugar onde a encontrasse.

(Salgado, 2013. p. 7)

Sebastião consegue, por meio da sua fotografia, passar mensagens de preservação, cuidado, emoção e socorro, desde áreas preservadas, desmatadas, povos, por sua magnífica sensibilidade ao fotografar com apenas duas cores, o preto e o branco. O contraste magnífico pela observação no momento certo dado pela incidência da luz. Por mais que sejam fotografias do todo, você consegue ver o mínimo, a emoção, a sua mensagem.

Na fotografia, uma das coisas primordiais é quando você deixa de olhar somente para você e quer realmente estar ali observando o que está acontecendo no momento. Por exemplo, uma árvore que está no meu sítio, eu sei que ela vai estar ali quando eu voltar e poderei fotografá-la novamente, inúmeras vezes. Mas a questão não é essa. É muito mais, é o momento. Você nunca vai enxergar o mesmo momento com os mesmos olhos, porque tudo vai depender de como você está. O que você está pensando, se você realmente quer estar ali e aproveitar, observar ou você está, por estar.

Ao dizer que a árvore vai estar ali, mas não o momento, é relativo a fatores de como você está aberto a estar de fato habitando o lugar, é deixar se aproximar da situação e abrir sua percepção para algo maior, mesmo esse maior seja algo pequeno, podendo ser na escala de centímetros a milímetros.

Observar uma árvore e sua grandeza, não somente no todo de sua altura. Há inúmeras formas de cartografar uma árvore, tantos detalhes, formas e vidas que nela habitam. Desde as suas raízes no solo, subindo no seu tronco, com plantas epífitas ou parasitas lhe envolvendo, deixando adereços e trazendo mais vida ao que de longe parece somente o todo. Por isso, ao se aproximar é ver que há algo a mais, não olhar somente o externo.

Ao se abrir para explorar mais, além das plantas epífitas e parasitas, podemos ir mais além. A incidência do sol sob um folíolo ou folha, evidenciando a nervura pelo contraste, sua textura fica evidente deixando de ser apenas uma folha e nos mostra suas imperfeições, seus “defeitos” pela rugosidade causada por um fungo, a incidência da luz nos faz ver coisas das quais estão escondidas, não são percebidas em um primeiro momento.

Mas quando há muita luz, a superexposição, não conseguimos ver com clareza os detalhes, é difícil observar. Ajustando a exposição e o foco, conseguimos começar a observar os detalhes. Não é ao extremo, no excesso da superexposição, ou na escuridão. Diria que é naquele final de tarde onde a luz do pôr do sol se difunde. É o olhar pela janela e ver a luz em seus variados tons, nos convidando a parar para observar a sua incidência na superfície, seja qual for. Não é superexposta, não é a escuridão, não diria meio termo, porque não é. É a luz que realça. E essa luz não poderia ser classificada como meio termo. É a luz calma que acalma a quem se deixa ver.

Não estou categorizando que somente na luz de um pôr do sol podemos fotografar, não é isto. Como disse, a beleza está em todo o lugar dependendo do que estamos dispostos a habitar e a querer observar. Em uma imensidão de terras, o que podemos criar em imagens, principalmente quando não há um dia bonito de sol? Há dias nublados onde queremos ficar no nosso canto, fazer as coisas com calma. Nos dias nublados, a luz está difusa, por sinal, é uma luz muito bonita de se fotografar. Pode parecer que não há beleza. Mas como disse, não dá para olhar somente o todo, há muito mais no “interior” e temos que deixar esse interior sobressair.

No sítio, por exemplo, após a chuva, minha mãe me convidou para ir até o final do pasto, onde não íamos com muita frequência. Levei minha câmera junto. Conversando com o professor Leandro, que me fez a seguinte pergunta: nas suas fotos, não vejo foto do todo, você tira foto do contexto? Olhando para as fotografias, notei que realmente há raras exceções onde essas fotografias são registros do desenvolvimento do pasto, fotografias do amplo. O *studium*, como define Barthes (2015), é apenas o gostar, mas não amar, o *studium* é o todo, “O espetáculo me interessa, mas não me punge” (p. 42).

Muitas fotos, infelizmente, permanecem inertes diante de meu olhar. Mas mesmo entre as que têm alguma existência a meus olhos, a maioria provoca em mim um interesse geral e, se assim posso dizer, polido: nelas, nenhum *punctum*: agradam-me ou desagradam-me sem me pungir: estão investidas somente de *studium*.

(Barthes, 2015, p. 29)

Há o pequeno, o detalhe do que faz aquele todo tão especial para mim, o *punctum*, “...é um detalhe, ou seja, um objeto parcial. Assim, dar exemplos de *punctum* é de certo modo, entregar-me [...] Esse *punctum* agita em mim [...]”. “O *punctum* faz parte da cena, não é algo buscado é o que me punge” Barthes (p. 42). Muitas vezes é quando um “detalhe” preenche toda a fotografia.

Ao caminharmos pelo pasto, minha mãe à frente e eu atrás, pois parava para ir fotografando, ela chamava minha atenção para alguns detalhes, por exemplo, das gotículas de água sob a pétala de uma flor ou folha. Como aquela gotícula de água faz uma bolinha e fica ali paradinha naquela pétala exaltando pelo seu contraste a sua beleza das cores que ficam vivificadas pelo conjunto do momento, luz, contraste e cor.

Chegando no final do pasto, entramos em uma área preservada de mata nativa, onde é possível ter algumas áreas abertas devido à passagem dos bois que transitavam por ali de vez em quando. Entrando por essas áreas abertas, salta aos olhos inúmeras cenas, o detalhe, que compõe aquele todo. O todo é simples, todo mundo vê, é pedir para alguém

com uma câmera fotografar algo que remete ao meio ambiente que o todo vai estar ali. O registro, o *studium*.

A fotografia que me habita é a que me faz querer ficar observando por longos períodos a luz incidindo em uma folha, evidenciando seus poros, suas nervuras. O tanto de vida que ali habita. Um fungo sob uma madeira em decomposição, uma formiga em uma flor. Tento extrair com a câmera um terço do que está à frente, nem sempre é possível, às vezes a cena ou o animal esta ali, mas o momento passou. É o que me faz rever essas fotografias depois de anos e habitar elas novamente. Ser transportada ao momento em que foram fotografadas pela calma e alma que nelas têm.

A fotografia deve ser silenciosa (há fotos tonitruantes, não gosto delas): não se trata de uma questão de “discrção”, mas de música. A subjetividade absoluta só é atingida em um estado, um esforço de silêncio (fechar os olhos é fazer a imagem falar no silêncio).

(Barthes, 2015, p.52)

Aquilo que você viu não vai voltar mais, se você não consegue fotografar no momento, é muito provável que, ao perder, você possa ter um sentimento de ter deixado a oportunidade passar. O controle de querer algo e não sair como esperado, como Guimarães e Preve (2013) citam em sua pesquisa, na qual professores fotografaram uma trilha, ao verem suas fotos, as imagens não correspondiam exatamente com as formas que foram fotografadas. Mas, “nelas, havia toda uma potência para despertar a atenção para os elementos invisíveis do lugar” (p.52). Os autores ressaltam a importância de não ficarmos presos ao sentido prévio que desejamos com uma fotografia, se não há o bloqueio e você não consegue perceber mais nada ao redor. É ter consciência que, outra cena, outro momento, está ao nosso lado e ao ficarmos focados no que passou, não iremos enxergar outra oportunidade bem à nossa frente.

Não é fácil entender isso, é um treinamento. Muitas vezes, com o passar rápido de um pássaro, você leva a objetiva da câmera à cena mais rápido que pode, mas você não está com a câmera configurada na exposição correta, vendo somente a escuridão na foto. Por isso, a importância de pensar e estar por inteiro na cena e no que você está fazendo, ter a consciência de como está a sua configuração naquele exato momento.

Com frequência vemos sombras presentes na fotografia, notando na hora intencionalmente ou somente ao revê-la. A imagem não se forma sem elas. Todas possuem de baixo a alto grau de intensidade, é uma mistura de luz e sombras, não há de forma alguma como viver no extremo de cada uma. A sombra nem sempre é o lado ruim, se torna

o despertar para conhecer aquilo que antes estava desconhecido, revela silhuetas, nos evidencia detalhes que não eram percebidos.

Fotografar o pequeno é evidenciar aquilo que não é visto com atenção. Você sabe que está ali, mas não se atenta para ver. A biologia me fez entender a individualidade de cada planta, fungo, o ser, sua ecologia, me fez ver que uma árvore não é um todo, há o fungo, o líquen, plantas epífitas, parasitas, formigas que sobem no seu tronco e folhas, o pássaro que pousa e constrói seu ninho. Consigo dar nomes a uma coisa que antes já conseguia enxergar, mas não sabia explicar seus processos, mecanismos e ecologia. Sabia que ali existiam pela sua textura, coloração, movimentos que me atraíam guiados pelo incentivo de pessoas que me mostraram o caminho. Mas como evidenciar, através da fotografia, essas vidas mínimas que habitam um lugar, o sítio, por exemplo? Pelo seu mínimo, mostrar a sua grandeza!

## CONDUÇÃO, DESCOBRIMENTO E BUSCA

Este capítulo sobre a metodologia desde o início foi um dos mais difíceis, devido a um grande bloqueio. Como eu conseguiria escrever, colocar em palavras esse processo fotográfico de poder evidenciar essas vidas miúdas que habitam o meu sítio. Qual a metodologia a ser utilizada para este TCC contando sobre fotografias tiradas ao longo de mais de 10 anos? Como pôr em palavras, como refletir sobre elas, sobre o caminho da construção ao longo do tempo? Como fazer um TCC que não demonstrasse dados estatísticos concretos sobre uma pergunta feita? Como colocar uma regra ou método onde, aparentemente, ele não existe?

“A metodologia impõe palavra de ordem, definida por regras já estabelecidas. Um caminho que tem que ser seguido predeterminado pelas metas no seu início” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2012). Talvez daí viesse esse medo. A ideia inicial do Projeto de TCC, seria fazer uma exposição com as fotografias, solicitando para os visitantes escrevessem legendas das imagens expostas. Assim como Gomes (2019), pensei em apoiar este TCC no escopo da noção de pedagogia cultural. “Nela, as práticas, os produtos e os espaços culturais são considerados educativos” (p. 32). Sempre me fascinou o poder que a fotografia pode ter dentro de uma sala de aula.

Com auxílio da colaboradora do projeto, a artista visual Fran Favero, foi chamada a atenção para pontos que tínhamos no processo de uma exposição, dos quais foram importantes para pensarmos em alterar a rota. Deixando-o mais imagético e não tão preso ao rigor acadêmico. “[...] a pedagogia cultural pode ser uma redução das possibilidades e uso da arte enquanto proliferação sensível, isto é, ao transformar quase tudo em pedagógico acabamos limitando seus significados” (Gomes, 2019, p. 32).

Conversando com meu professor e orientador, ele me indicou a dissertação de mestrado da Marina Lopes e Gomes chamando atenção para o capítulo em que ela aborda a cartografia. Lendo-o, consegui compreender o processo da minha pesquisa, porém não refletido em palavras ao longo do período em que criei as fotografias e sim sentido. Confesso, desde o início, que ao ouvir a palavra cartografia, não consegui fazer a junção, como essa palavra originada no campo da Geografia, relativa à produção de mapas, poderia ser uma metodologia neste trabalho. Marina Lopes e Gomes (2019) aborda a cartografia e consegue trazer reflexões importantes:

...mapas nos educam visualmente, projetando uma visão de mundo com fronteiras e formas delimitadas. Eles fabricam coisas em nós. Como legendas em uma foto ou símbolos em placas informativas: formam universais de comunicação. Porém, não carregam a cartografia consigo. O



processo de fazer mapas - ou seja , apresentam apenas a obra pronta, com delimitações bem estabelecidas - buscam representar a realidade, mas não a são. Realidades dependem de pontos de vista, de modos de existência, elas não são neutras e diferem entre si. Dependem de um fator importante e finito: a experiência. Assumir uma imagem como representação única do que é real nos limita, nos aprisiona em uma única possibilidade de ser/estar/existir no mundo. Um mapa não é um território de si, assim como a ciência não é o único modo de olhar o mundo, eles são modelos que muitas vezes podem nos imobilizar.

(Gomes, 2019, p. 39)

A cartografia propõe uma reversão metodológica, como menciona Virgínia Kastrup, citada anteriormente, é preciso transformar o metá-hódos (hodós-caminho) em hódos-metá.

Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento - um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude. Com isso não se abre mão do rigor, mas esse é ressignificado. (...) A precisão não é tomada como exatidão, mas como compromisso e interesse, como implicação na realidade, como intervenção.

(Passos; Kastrup; Escóssia, 2012, p.10/11)

A cartografia consiste em acompanhar processos, em mostrar aquilo que sustenta o que desejo apresentar, diferente da ciência moderna que prega a limpeza, o controle de variáveis, o distanciamento entre sujeito e objeto. Contudo, o método cartográfico não pretende ser melhor nem pior, apenas ser outro modo de fazer pesquisa.

(Gomes, 2019, p.40)

Nem sempre eu gostei de museus. Apesar de amar museus hoje em dia, houve uma época em que eu pensava: para quê? Que coisa chata. Afinal, tudo é uma constante transformação, do momento de clareza que você se encontra, de estar aberto para sentir e experimentar o novo. Vai muito do que você consome de livros, filmes, músicas, convive e se conecta. Ver as fotografias do Sebastião Salgado, hoje, comparando quando as vi há mais de 10 anos atrás, pela primeira vez, há um abismo. Cartografar é acompanhar processos, “[...] mapear os atravessamentos que se tecem com o seu objeto de pesquisa e este mapa não é estático, ele é móvel e mutante [...] mapear essas conexões e forças que os fazem objeto de estudo. [...] O foco não é o produto final da pesquisa e sim o seu processo” Gomes (2019). Observando, hoje, minhas fotografias, não posso prender

ninguém à minha interpretação. Elas precisam ser fluidas, pensei em escrever com base nelas, mas seria amarrá-las eternamente ao meu sentimento.

Quando penso nesse caminho, consigo me transpor ao longo do tempo e sentir as sensações de cada fotografia ao serem clicadas. O que me motivava antes e o agora. Eu sempre pensei comigo que vivia duas vidas, uma em Florianópolis e outra na Barra de Ibiraquera. Em Floripa, vida de cidade, não tinha amigos perto para poder brincar. Meus amigos sempre foram da Barra de Ibiraquera. Lá, sempre fui eu 100%. Cabelo desganhado pelo vento, jogava futebol com meus irmãos sem me importar com nada que pudessem falar, andava descalço, ia à praia apenas com uma canga que deixava na areia para entrar no mar. Sem chinelo, cadeira ou adereços mais.

Com o passar do tempo, a relação com a fotografia se estreita, principalmente durante a adolescência, onde é comum passarmos por uma montanha russa de altos e baixos. Talvez porque ela me entendesse o que queria dizer, o que eu via. Ela conseguia captar aquele momento do qual eu precisava. Poder parar aquela luz, aquela cena, fazer silenciar lá dentro quando tudo está um turbilhão. Sempre foram fotografias para mim. Não para os outros. Faz sentido para mim.

Quando elogiavam as fotos, para ser sincera, eu nunca percebi algo a mais que tanto me falavam. Nossa, que lindo, você é muito boa! Posso dizer com clareza e total certeza que nunca peguei nenhum desses elogios para mim. Sempre pensei: mas a formiga estava ali, eu só fotografei sua alma. Não fiz nada demais. Com o tempo e observando-as, consigo distinguir esse processo em 3 passos: a condução; descobrimento; e a busca.

A condução, posso categorizar quando meus pais viam insetos, flores, fungos, dentre tantos outros e me chamavam para ver e fotografar. Sair com a câmera na mão quando seus pais lhe chamam para fotografar as gotículas de água sob uma teia de aranha em uma manhã fria de inverno é passar, ao outro, o singelo ato de voltar o olhar ao que é simples. É como você se sentir abraçada, quando se lembram de você.

O descobrimento vem a partir do momento em que eu descubro a palavra difusa, e foi lá em Goiás. Minha irmã morava em Goiás e íamos uma vez ao ano visitá-la. Em uma dessas visitas, ela comentou com amigos que faziam parte de um projeto de pesquisa no parque do Itiquira, onde tem uma linda cachoeira. Combinamos de fazer umas fotos para o projeto, eu e meu irmão. Eu lembro até hoje quando fui perguntada o que eu gostava na fotografia, eu não sabia o que responder. A esposa do coordenador do projeto comentou sobre a luz difusa. Para falar a verdade, eu não sabia o que era aquela palavra na época, mas fingi que sabia. Ela deu exemplos de uma forma onde foi ali que eu entendi o que eu já gostava mas não sabia definir. A luz difusa. Essa luz sutil suave.

A busca, posso categorizar um processo de constante transformação. Durante as aulas de metodologia de ensino de ciências e biologia, ministrada pelo professor Leandro

Belinaso, eu estava em um processo muito complicado, pós pandemia, pós perda do meu pai para o câncer. A revolta estava à solta. Em uma aula de colagens, no momento de recorte das imagens, foi colocado música. A música me fez despertar. Eu amo ouvir música clássica, mas simplesmente não ouvia mais. O quanto a música, a arte, foi importante para virar uma chave para me abrir e voltar a me encontrar. No decorrer das aulas, tínhamos que apresentar um tema, podendo ser em vários formatos, um deles a fotografia. Sabe quando a cabeça faz um boom?! Então foi esse momento onde me fascinei. Foi nesse momento que vi que a arte pode estar relacionada a um modo de pensar não convencional comparado ao modo regrado da academia que eu conhecia.

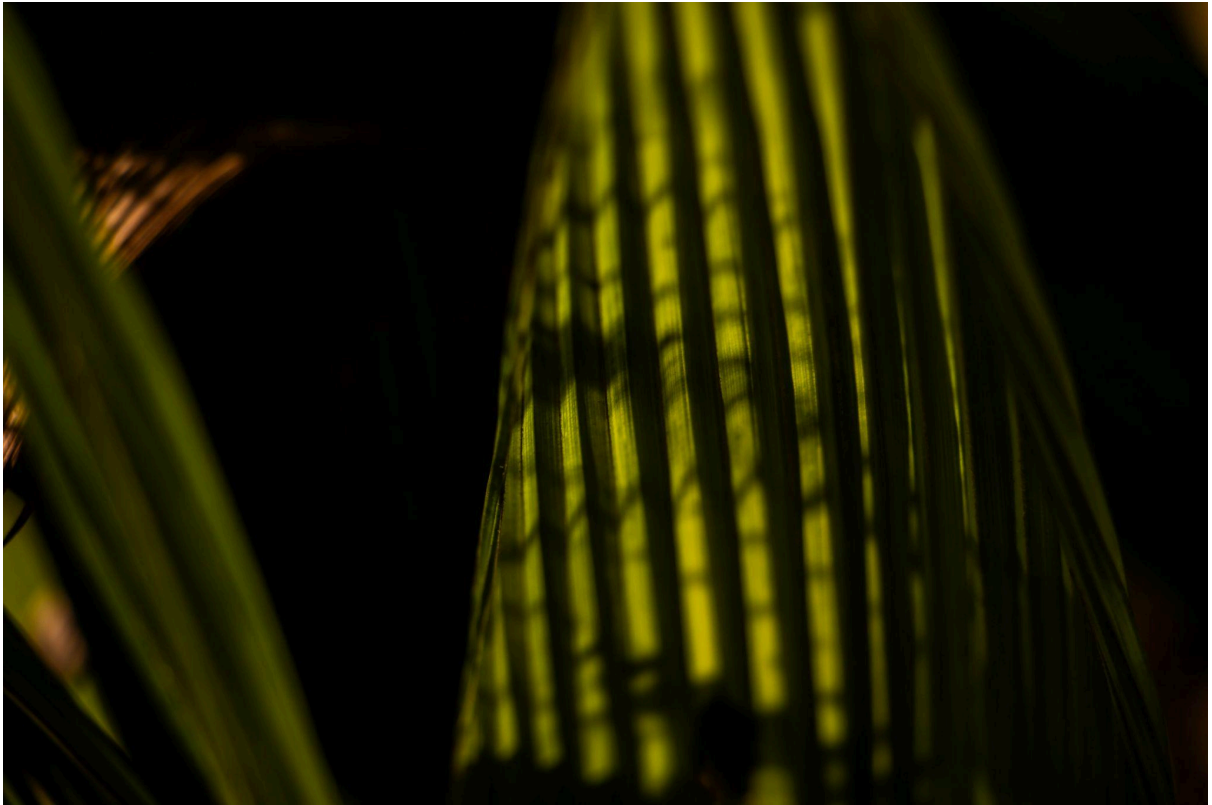
Foi nesse momento que houve a busca. Por mim, Mariana, bióloga. Como fazer imagens que dizem algo a mais? Por mais que muitas fotos já dizem algo a mais, dessa vez foi algo buscado, observado, sentido, a partir do conhecer com uma intenção. Mas não como algo forçado, sabe? Como o *punctum*, ele já está ali na foto. Às vezes, forçamos e não fica natural, não é seu. Juntei o que era meu. A luz difusa, o ser pequeno que me chama atenção, onde inúmeras vidas por uma folha transitam.

Sem dúvida, foi a partir desse momento que eu consegui prestar atenção por conta própria ao meu redor. Não algo conduzido e sim tomar as rédeas de quem imagino ser. Poder enxergar com clareza tantas formas de vidas ali presentes por estar ali. Estar ali no sentido literal. Na busca por estar ciente e saber o que você procura naquela fotografia. Faz ficar muito óbvia no que ela transmite para mim.

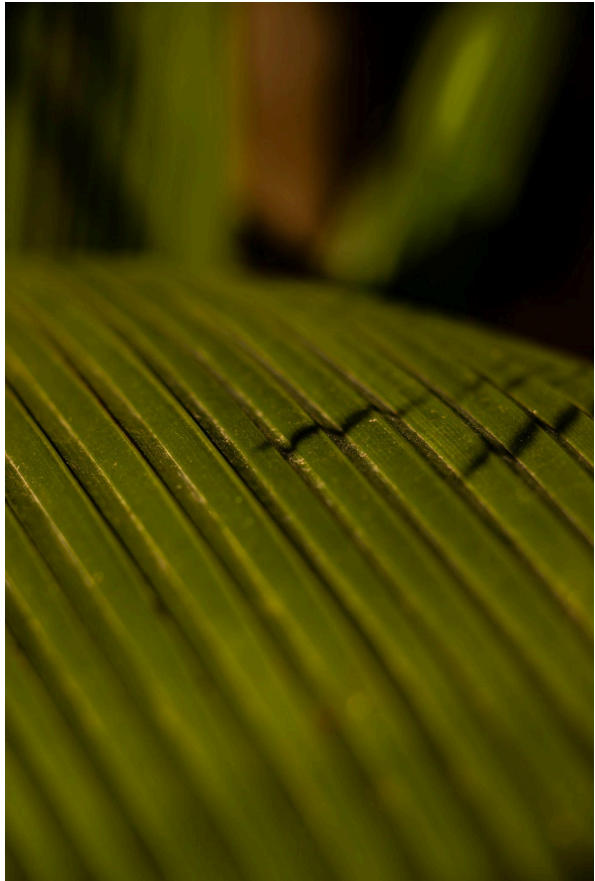
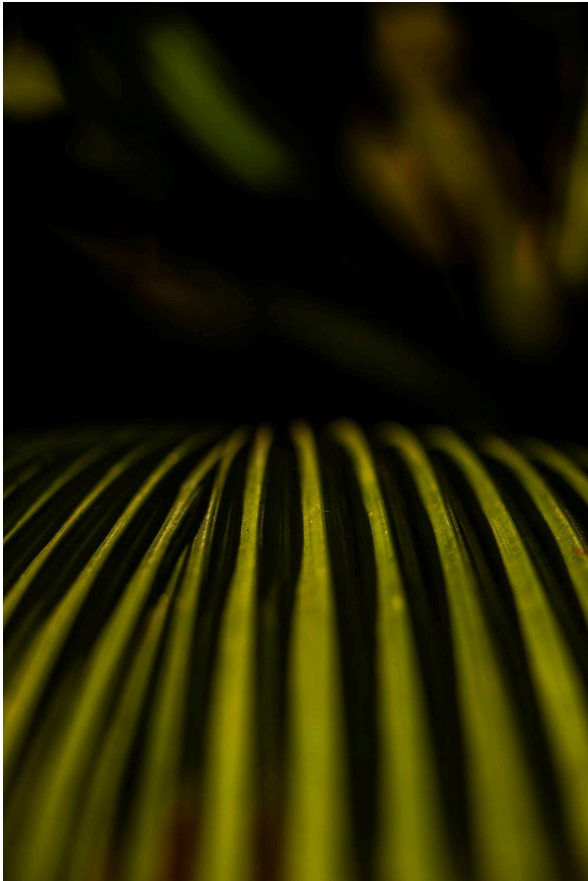
Mas aprendi que não é bem assim, cada um vai ter a sua interpretação. Que elas tomem a forma e o lar de cada um. Que possam despertar, ou não, esse olhar a esses seres pequenos, miúdos. O que fazem, onde estão indo, estão a procura de algo? Qual a sua idade, quanto tempo essa folha está aqui e quanto tempo ela durará?

UM SÍTIO EM IMAGENS



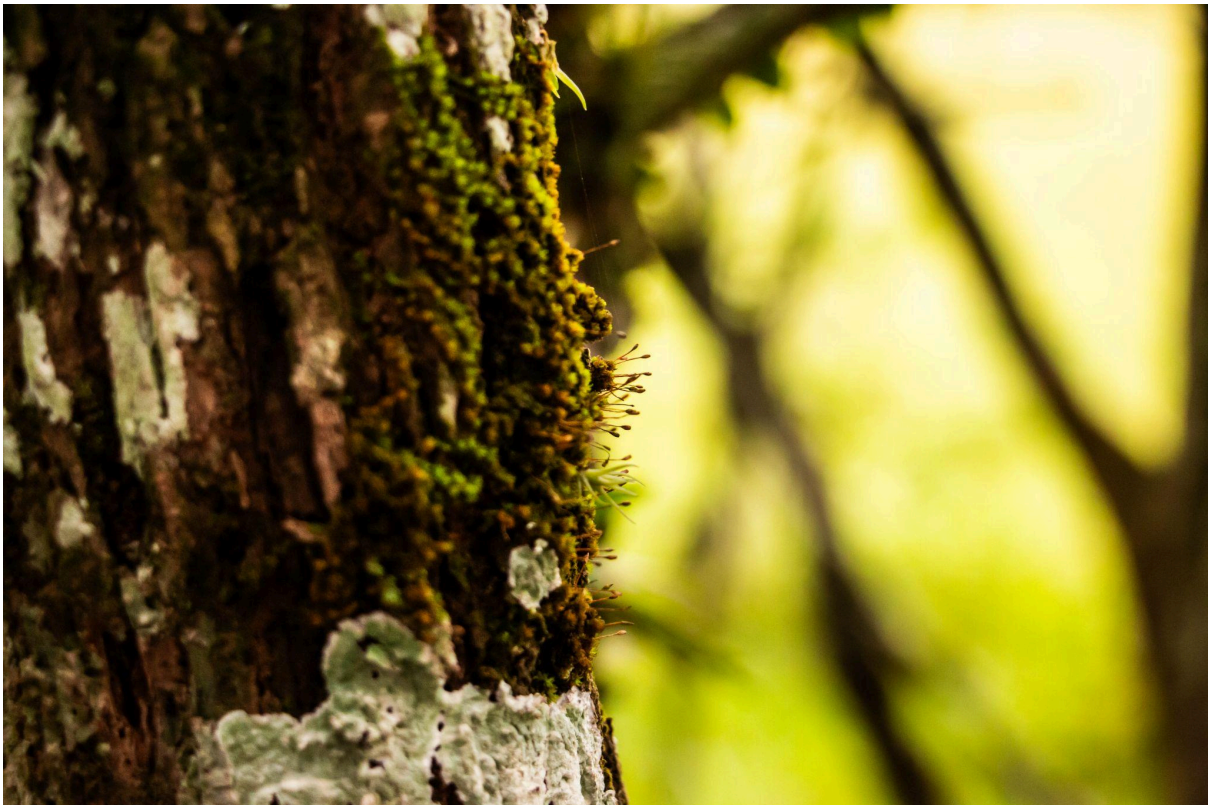










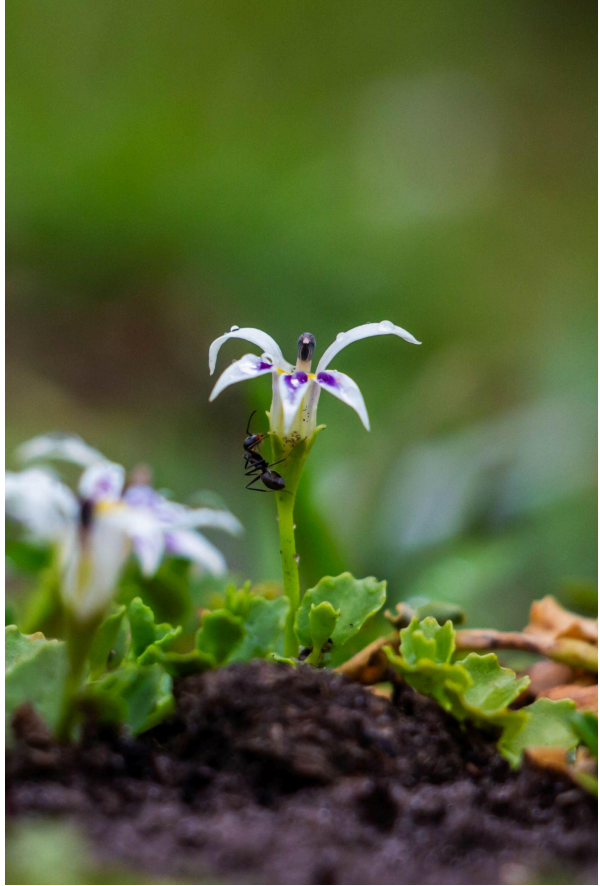


























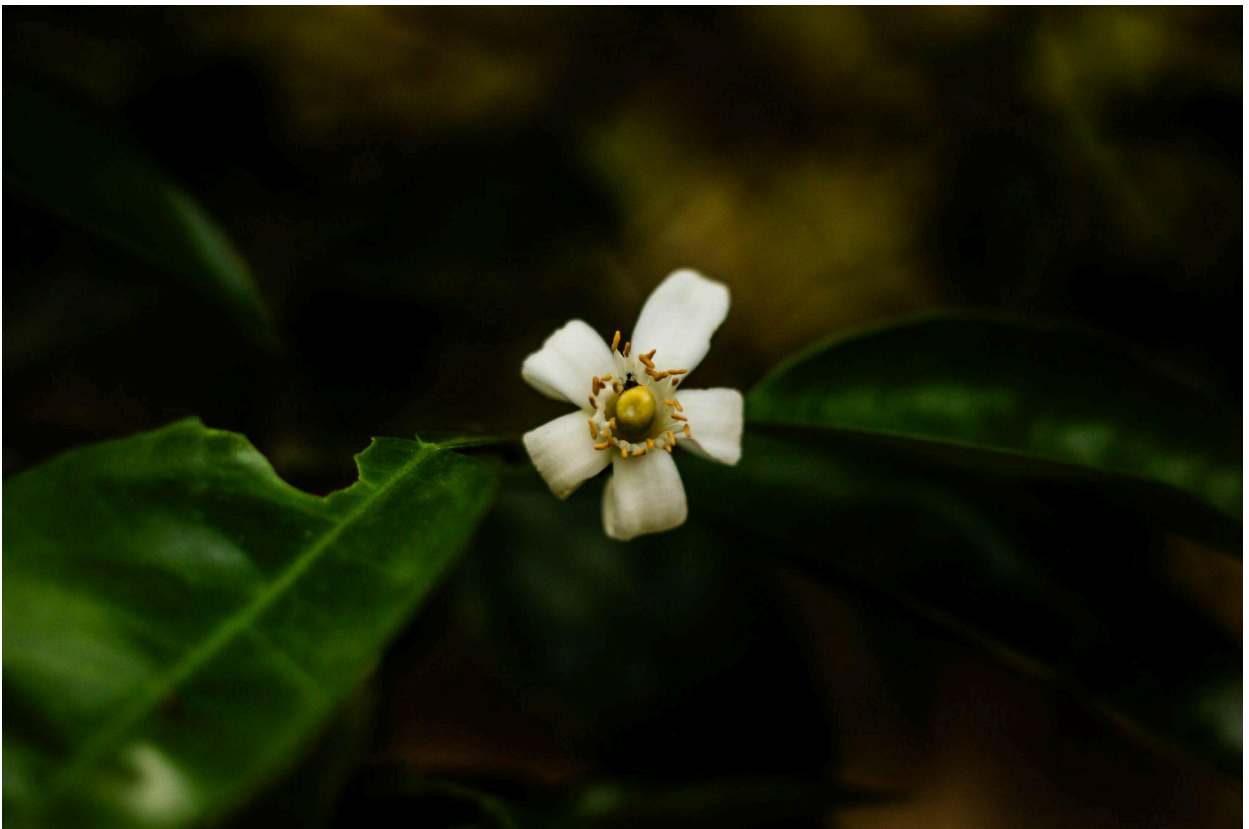
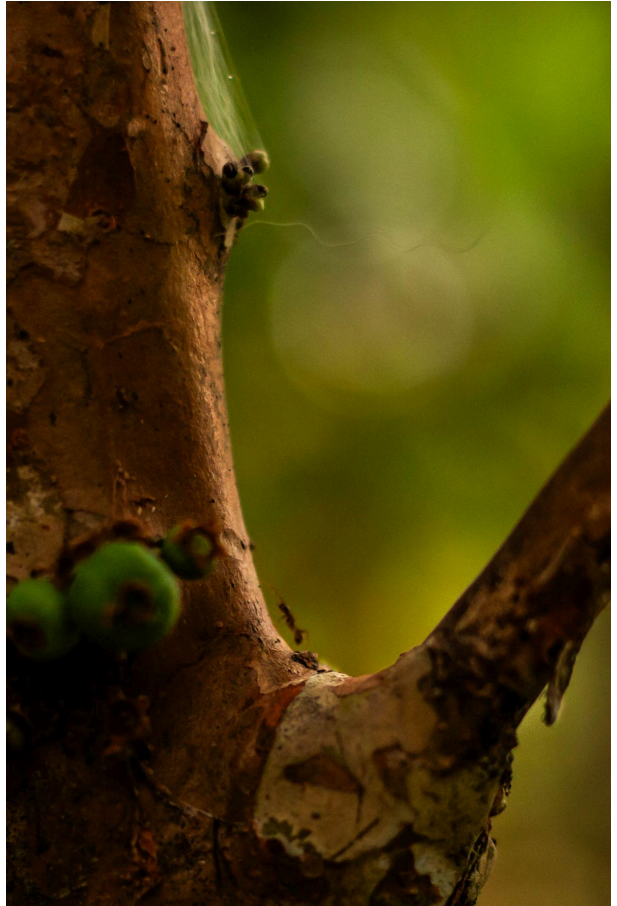








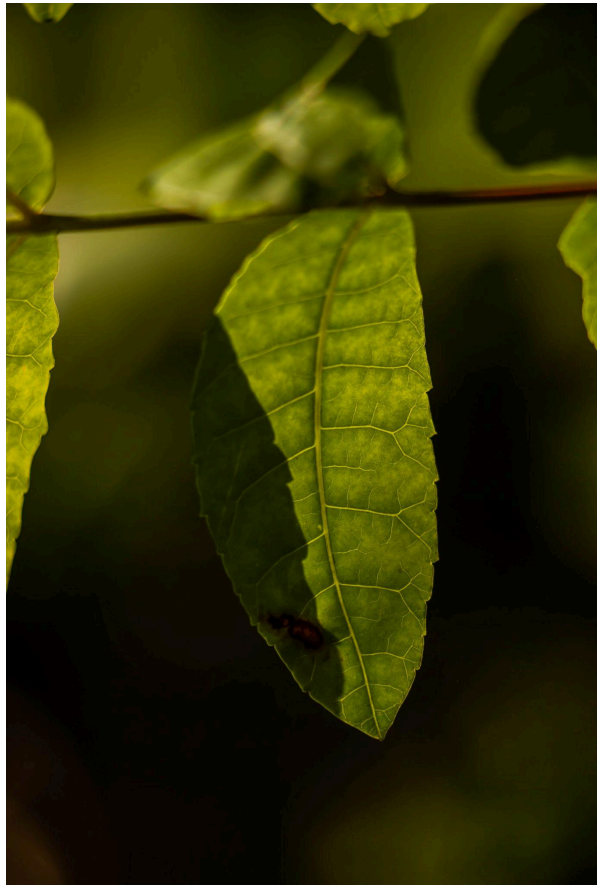






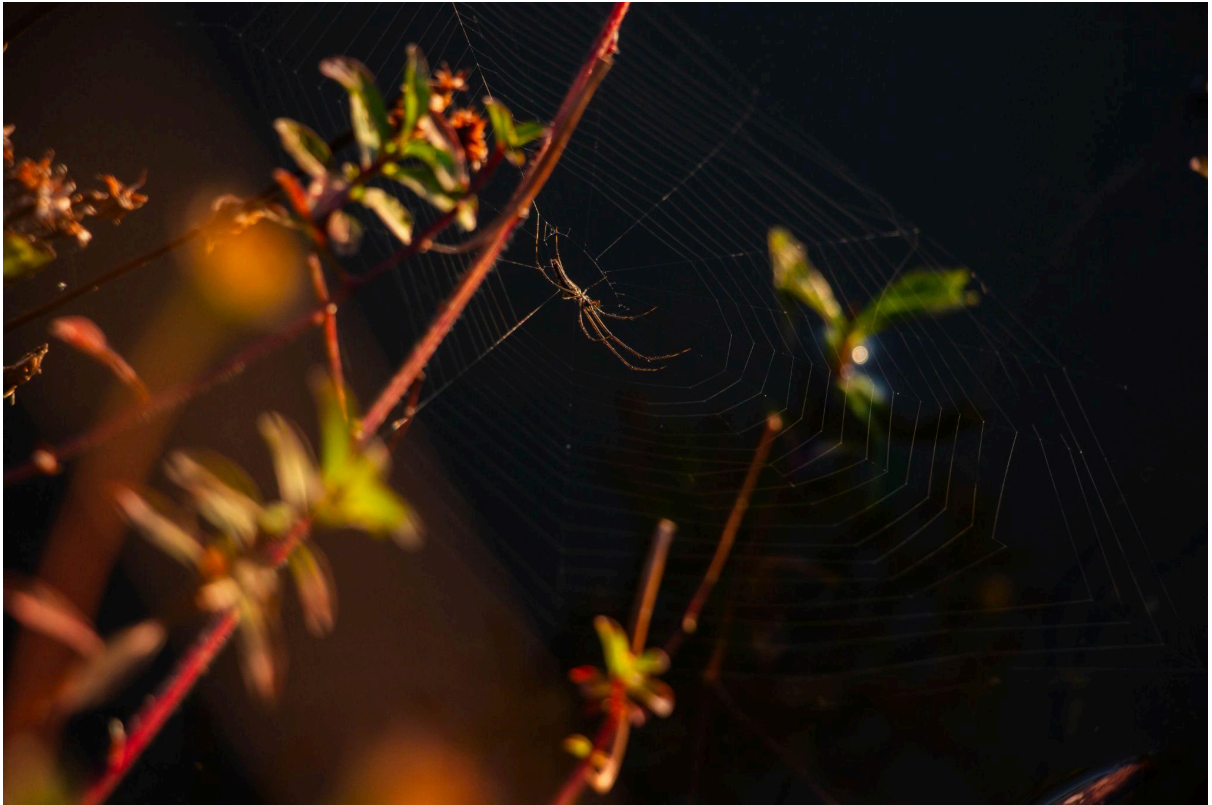






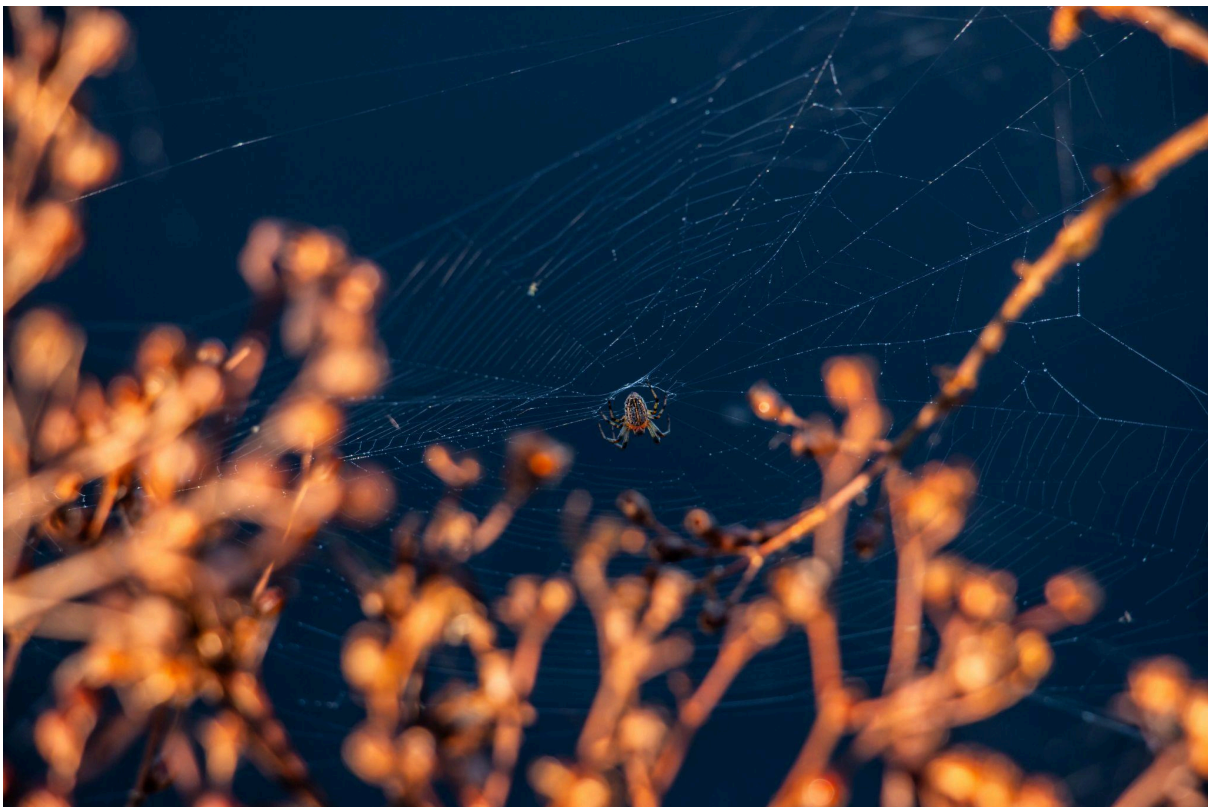




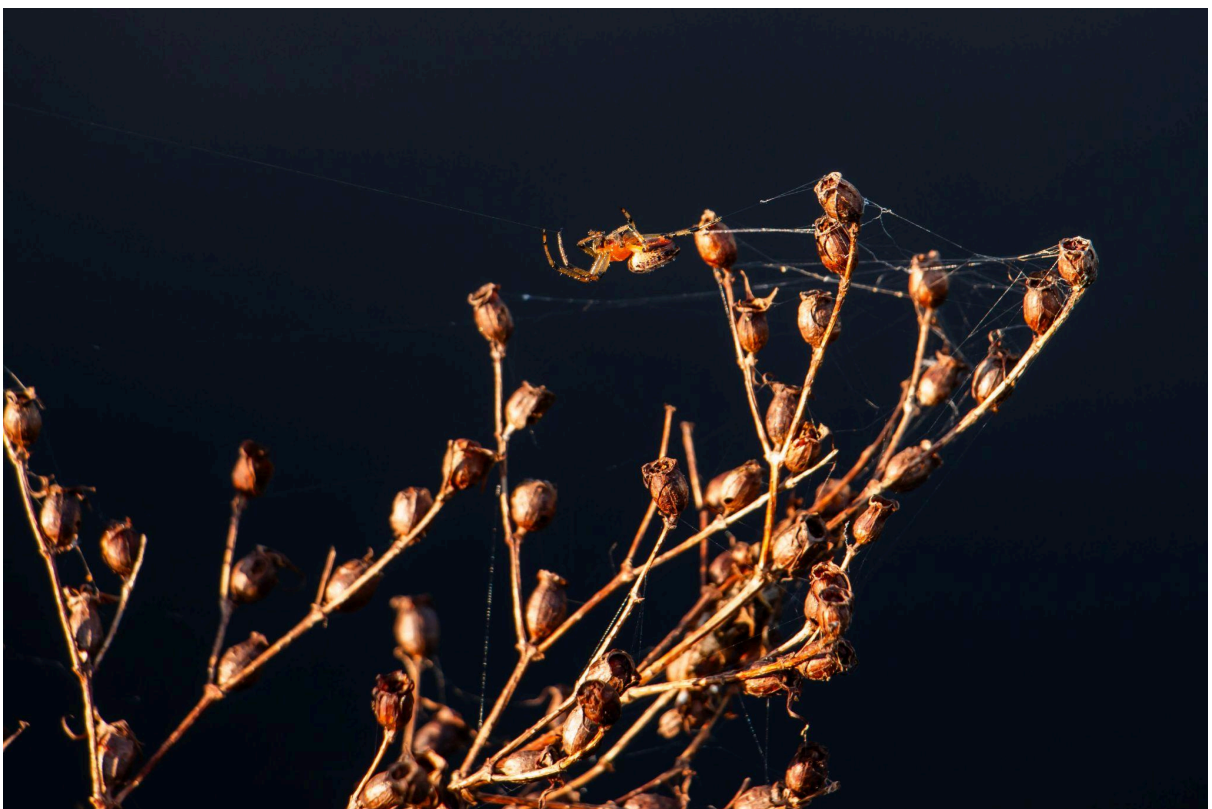




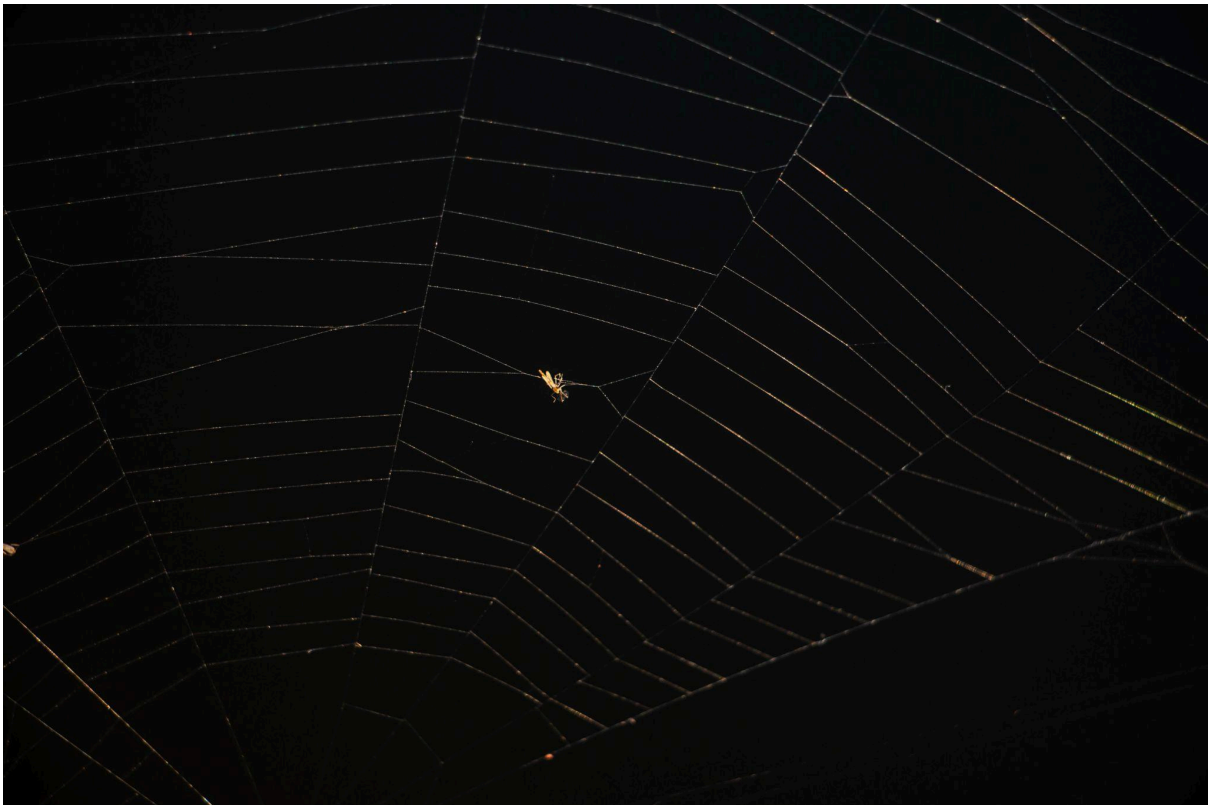




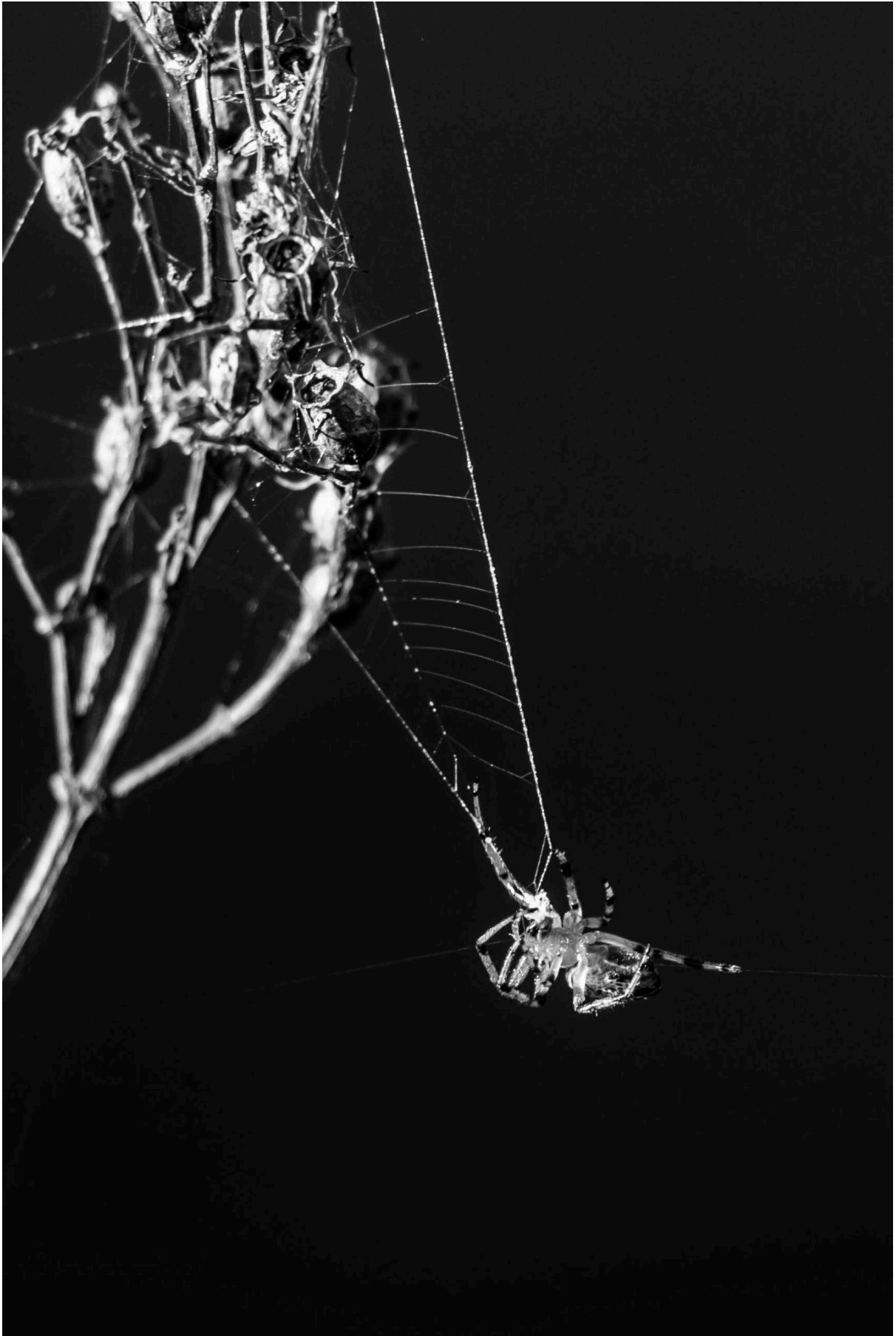


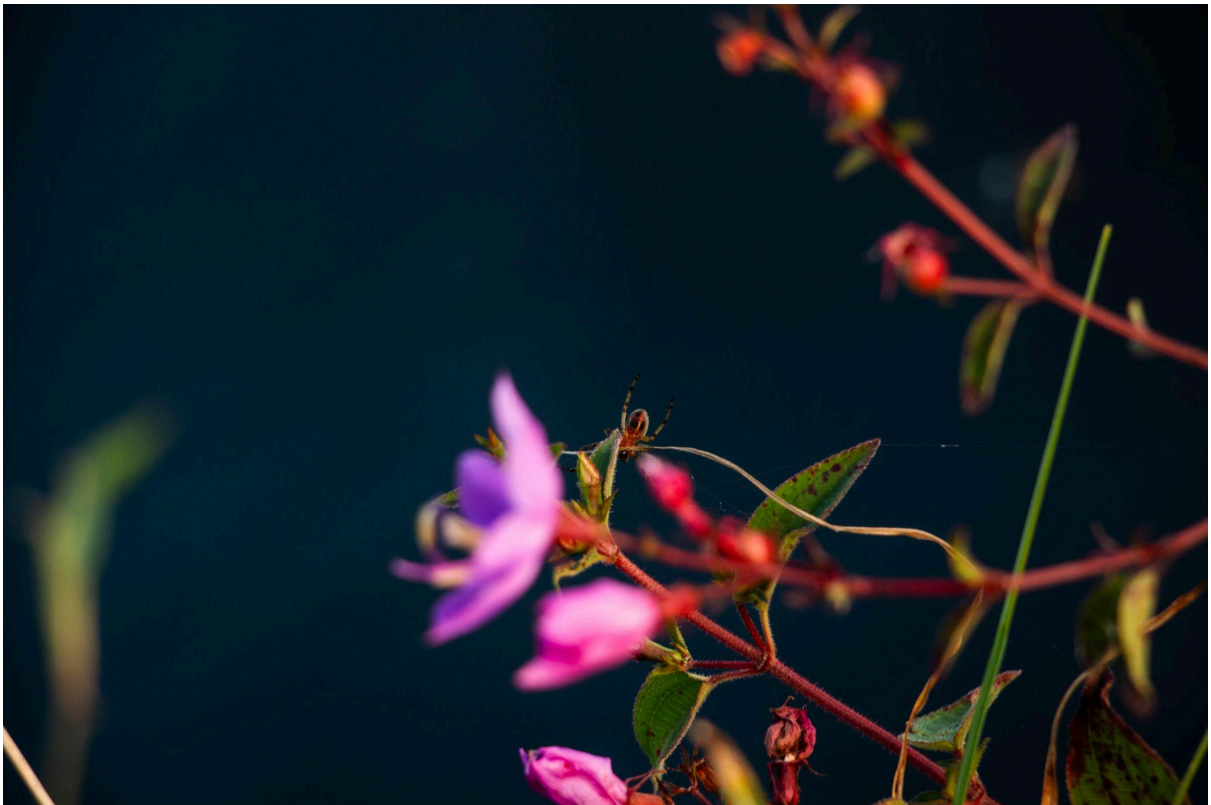


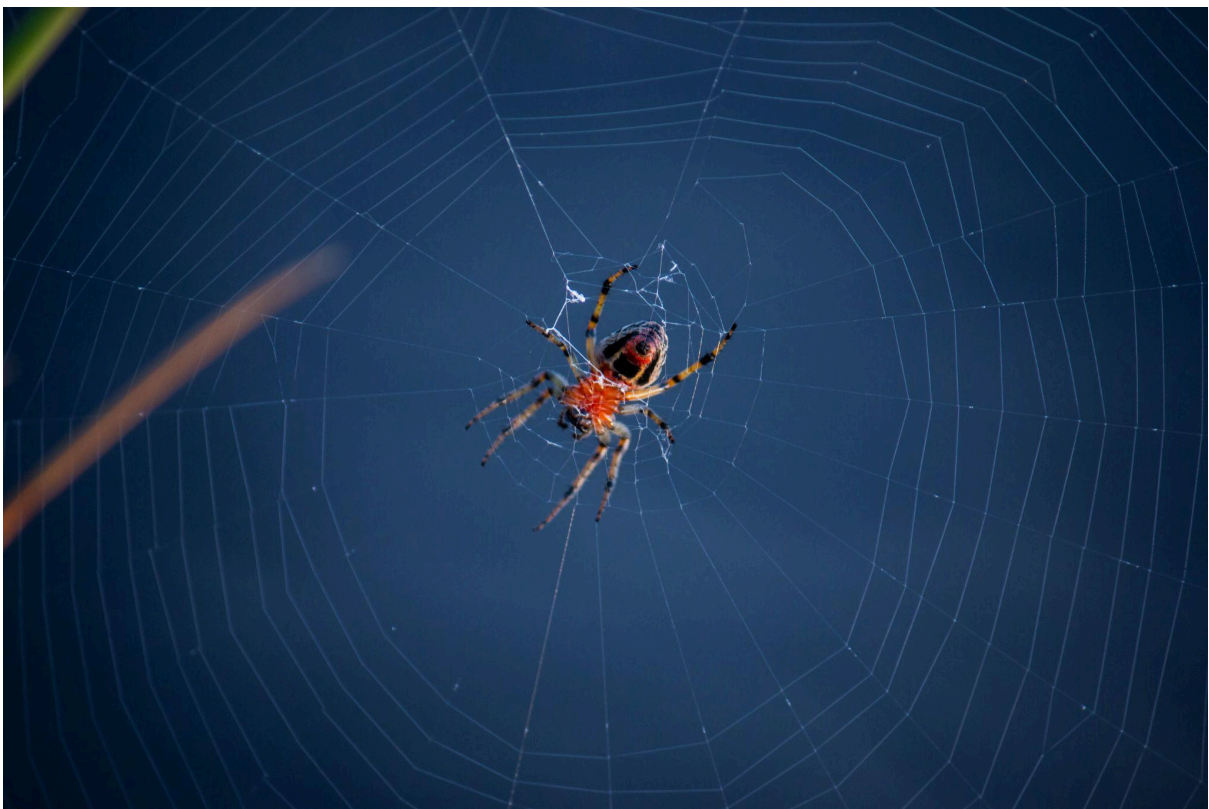




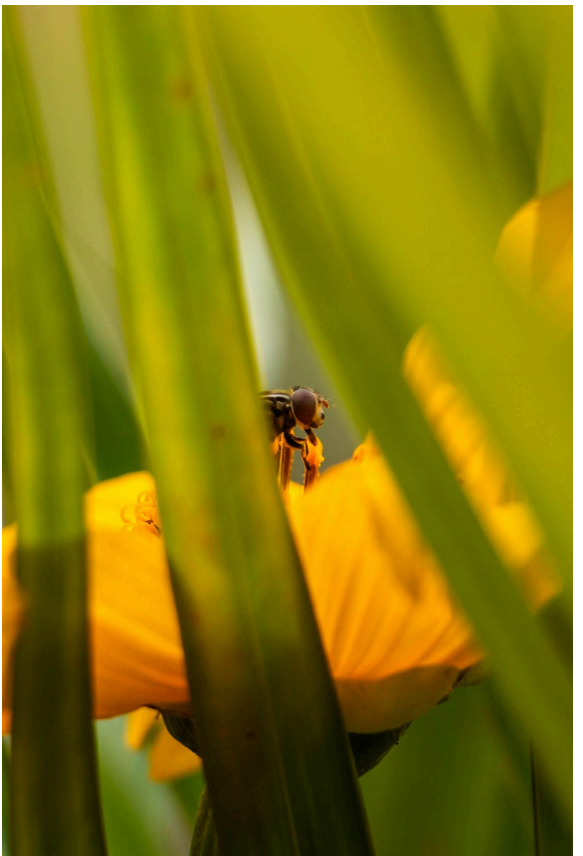
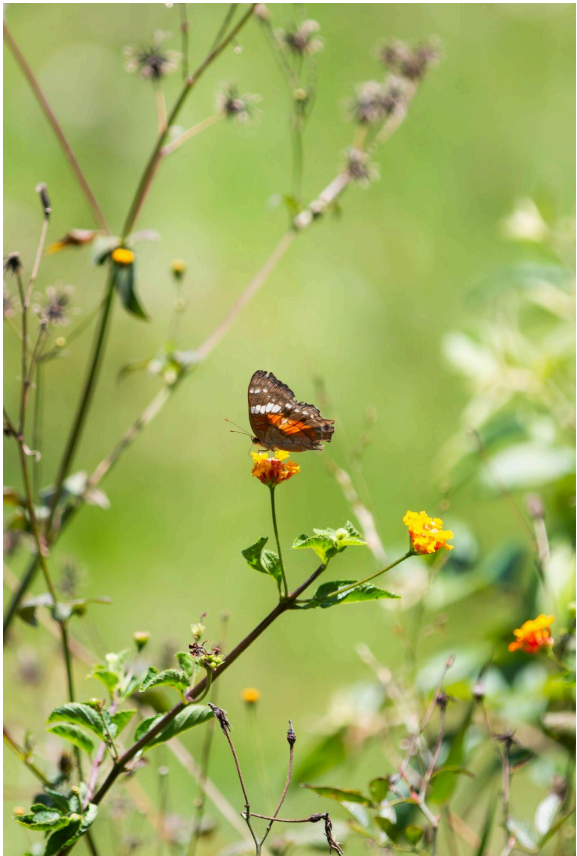








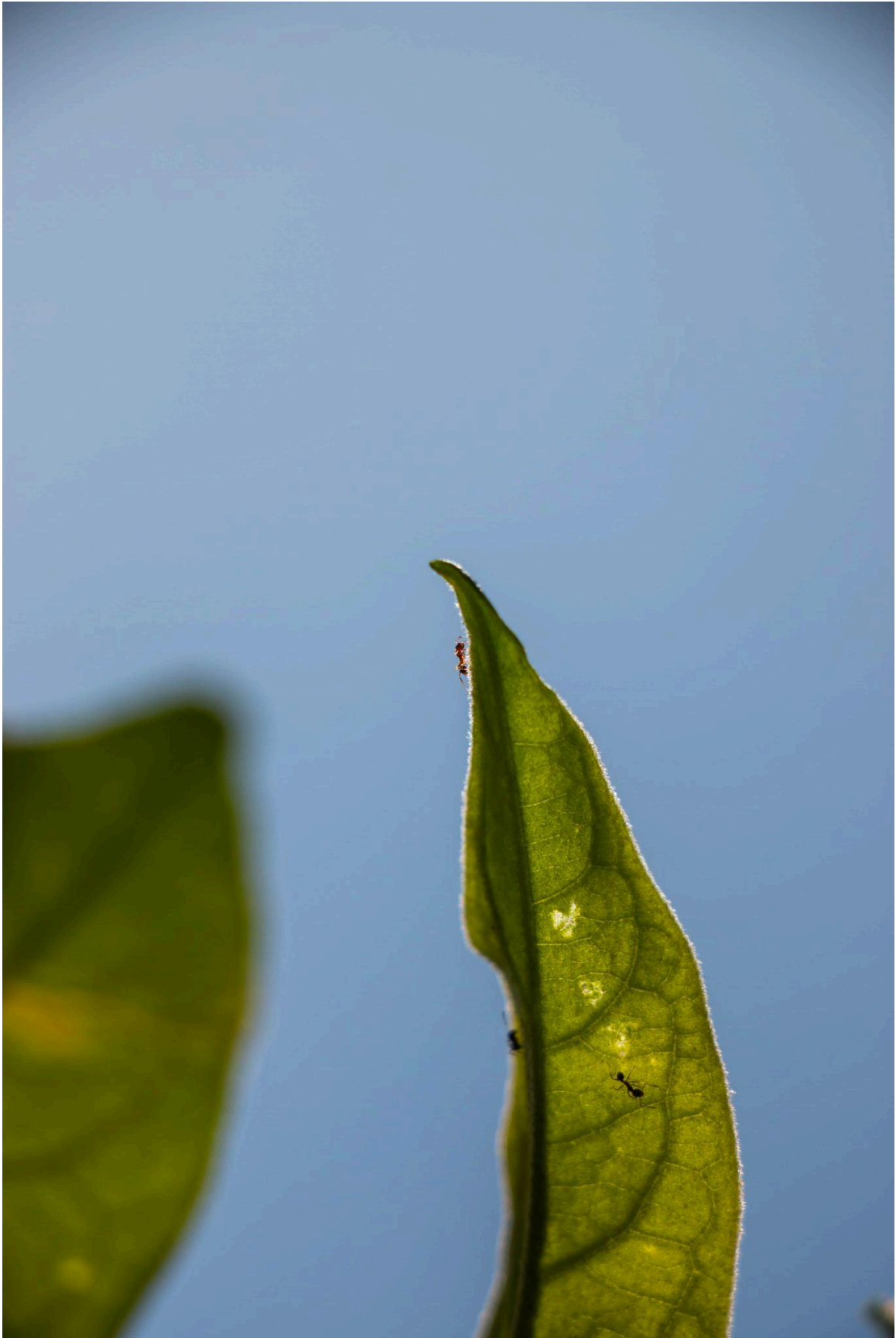




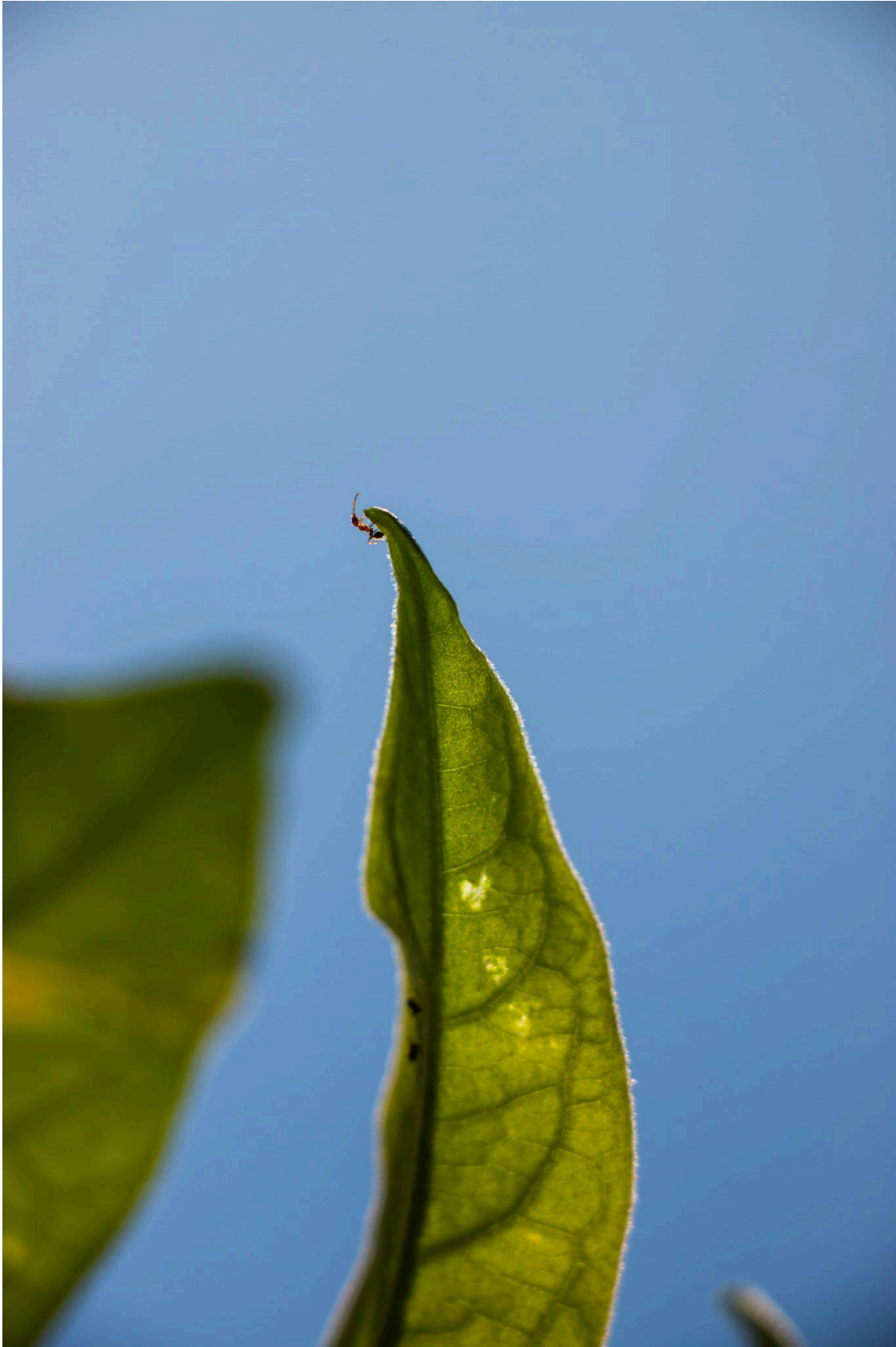












## UM CONVITE PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL MENOR

Escrever esse TCC não foi fácil, inúmeras foram as vezes que peguei a matéria de projeto de TCC e abandonei sem nem mesmo ter começado. Um bloqueio de dar o primeiro passo, o medo, medo de não conseguir. Talvez o medo de conseguir. De algo que somente eu posso fazer por mim mesma. Muitas questões e desafios enfrentados nessa jornada. Foi sem dúvida um misto de emoções, tive que me abrir. Não sou de falar, nem de perguntar em sala de aula e muito menos de me apresentar. Não gosto de ser esse centro, vai ver por isso que gosto tanto de bastidores de shows, poder observar sem estar no centro. Me abri ao ponto de ter que ressignificar o sítio, trazendo memórias felizes onde vivi com minha mãe e meu pai e que hoje não é mais possível revivê-las. Como disse, a vida é uma constante transformação e temos que ressignificar muitos sentimentos. O sítio foi uma delas. Escrever sobre esse lugar depois da morte de meu pai não foi fácil. Mas fez com que eu pudesse ver o quão grande esse lugar, com essas pessoas, me tornaram. Grande em uma grandeza no sentido de dar valor a esse pequeno, sabe? Da formiga subindo no topo da folha como se estivesse gritando para todo mundo ouvir. Eu consegui chegar até aqui.

É muito engraçado observar o processo da escrita. Durante o projeto de TCC, eu só conseguia escrever em casa, por me emocionar em muitas partes ao escrever. Eu e minha amiga, Renata, íamos em cafés para trabalhar, mas nunca conseguia escrever nos locais. Já neste processo, o TCC, somente consegui dar início à sua escrita na Biblioteca Pública Municipal Professor Barreiros Filho, localizada no Estreito, em frente a uma janela que dá acesso à rua onde passam os carros, antes de chegar à rua, há uma grande árvore. Céu azul, sem nenhuma nuvem, olhei para a árvore, do tronco até suas folhas. Na folha, o sol incidia sobre ela e, por algumas horas, ela me ajudou a escrever. Obrigada árvore.

O período de procrastinação para iniciar a escrita é difícil, em outra época provavelmente eu já teria desistido, como já fiz em muitas outras oportunidades ao pegar a matéria de projeto e desistir. Você pode me perguntar: o que fez você não desistir desta vez? Porque eu já passei por medos piores, bloqueios maiores e eu vi a saída. Quando você sabe que há outra alternativa que não seja abraçar seu medo e ser engolida por ele, você luta, por mais difícil que seja.

Duas peças foram fundamentais nessa jornada. Primeiro, meu orientador Leandro, que me guiou, mostrando que o TCC não é um bicho de 7 cabeças e você pode, sim, fazer o que você consegue, e poder unir a arte com a biologia. E outro foi meu incomparável amigo que, há muito tempo atrás, me deu um conselho: tire foto de tudo, do pequeno ao grande. Na época eu não entendia essas palavras, mas hoje elas fizeram sentido.

“No final tudo dá certo”, uma frase que gosto de falar quando tudo está um caos. Pouco a pouco esse caos se ajusta e formam palavras, sentimentos, memórias,

lembranças, reflexões. Até falar sobre minhas fotografias no sentido artisticamente foi um processo árduo para mim. Hoje, entendo, sou parte desta fotografia, ela vive em mim e eu nela, somos uma só. Ao retratar esse mínimo, quero fazê-lo grande. Não pensar no todo, olhar a sua forma, seus detalhes, a sua cor vibrante, luz que reflete ou a que absorve por esse instante.

Voltando à pergunta deste TCC: como evidenciar, através da fotografia, essas vidas mínimas que habitam um sítio? Pelo seu mínimo, mostrar a sua grandeza. Temos um resultado imagético demonstrado no capítulo anterior. Porém, podemos fazer uma correlação entre a educação menor com a maior que Schneider (2014) debate:

Ao adjetivar um certo tipo de educação de menor, não estou tratando de sua dimensão, mas de sua natureza. Uma educação menor não é menor em tamanho, nem menos do que uma suposta educação maior. Este menor está potencializado pelas forças de uma micro revolução educacional. É menor, pois se trata de um modo de operar dissidente de uma suposta educação maior. É menor, pois não se interessa pelos grandes movimentos, pelas grandes mudanças. Trata-se de agenciamentos cotidianos, de microgestos, de um nível capilar de operação. Ela é primordialmente ação e uma ação do cotidiano, desenhada dentro de uma escola, uma sala de aula, uma turma. Ela é, antes de tudo, uma ação singular que se inscreve em determinado contexto.

(Schneider, 2014, p. 30)

Evidenciar o menor é um exercício de dar voz ao pequeno, ao miúdo, um exercício que deve ser feito dia a dia, exercício feito tanto dentro de sala de aula, quanto fora, no cotidiano. Para mim, as aulas das disciplinas pedagógicas da licenciatura não deram certo. Foi a partir de uma outra forma de pensar sobre dar aula que me despertou interesse neste campo. Às vezes nos moldamos a padrões e não saímos do lugar. Na fotografia, o mesmo se dá.

Criar em educação é trazer de fora estes elementos variados e variantes, matérias que não são escolares, materiais inusitados, que nos fazem criar perspectivas diferentes para trabalhar certos conteúdos. Desterritorializar é puxar estas pontas e retornar ao território com alguma produção e que será um produto estranho, um tanto quanto não convencional. Fazer da educação algo inusitado. Criar os ruídos da qual tratavam Deleuze e Guattari acerca de uma educação menor. Torcer a língua da educação, criando sub-versões e minorias em sua gramática. Mas o que é a língua em educação? São os procedimentos padrões, as práticas pedagógicas receituárias, aparatos, métodos e rotinas que garantem um processo instrumental de aprendizagem.

(Schneider, 2014, p. 31)

O todo, o maior, é interessante, mas tem algo a mais a ser notado e descoberto. O parar e observar, se interessar. O ser curioso. Ali, no escuro, tem vida. Há muito mais do que somente uma areia escura em um monte em um formato cônico à mostra na grama. Há uma população de vidas miúdas para baixo da terra. Há vida, dentro e fora, muito mais do que podemos ver.

Ao olhar o menor, podemos evidenciar por meio de muitas formas pela arte, escrita, música, fotografia. Nos faz explorarmos/pensarmos de outras formas das quais usualmente não conseguimos notar. A fotografia como arte é o meio utilizado para o resultado desta pergunta. O quanto podemos ver que não estamos vendo. Notar algo que passa despercebido no dia a dia. Conhecer, descobrir, pensar, refletir com uma imagem. Nos faz abrir horizontes, nos conta histórias e nos faz pensarmos histórias. Nos faz revelar a beleza no pequeno e não somente no todo. Que há muito mais a habitar nosso olhar no dia a dia.



## REFERÊNCIAS

JORGE, Maria Filippa da Costa. (2018). **Criança, espaço expositivo e arte contemporânea: antropofagia de aprendizes**. Dissertação (mestrado). Universidade Presbiteriana Mackenzie.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. (2006). **A natureza na arena cultural**. Jornal A Página. Portugal: ano 15, número 155, página 7, abril. Disponível em [https://www.academia.edu/21566416/A\\_natureza\\_na\\_arena\\_cultural](https://www.academia.edu/21566416/A_natureza_na_arena_cultural).

GUIMARÃES, Leandro Belinaso, & SANTOS, Juliana Evelyn dos. (2009). **Entre imagens e deslocamentos: descaminhos de uma pesquisa em educação ambiental**. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/377/332>.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. ed. especial: Coleção 50 anos. Rio de Janeiro - RJ: Nova Fronteira, 2015.

SALGADO, Sebastião. **Gênesis**. Alemanha: Taschen, 2013.

GOMES, Marina Lopes e. **Entre ruídos: encontros sonoros de uma pesquisa em Educação**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2019.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SCHNEIDER, Daniela da Cruz. **Micropolítica e pedagogia menor: desdobramentos conceituais para se pensar a educação pelas vias da experimentação**. Travessias, Cascavel, v. 8, n.2, p. e 8653, 2014. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/8653>.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; PREVE, Ana Maria H. **Fotografias de deslocamentos no Ambiente: fugas em uma prática educativa**. Ci. Huma. e Soc. em Rev. RJ, EDUR, vol. 35, n. 2, jul / dez, p. 48-59, 2013. Disponível em: <https://doi.editoracubo.com.br/10.4322/chsr.2014.037>.